**Manchete:** A China poderia ajudar o Brasil a superar sua crise econômica?

Por Marco Fernandes

**Biografia do autor:** Este artigo foi produzido pela [Globetrotter](https://globetrotter.media/) e traduzido por Pedro Marin para a [Revista Opera](https://revistaopera.com.br/). Marco Fernandes é pesquisador no Instituto Tricontinental para Pesquisa Social. Ele é co-editor do Dongsheng e membro do coletivo No Cold War. Ele vive em Pequim.

**Fonte:** Globetrotter

**Rótulos:** Economia, Comércio, América do Sul/Brasil, Ásia/China, Política, Meio ambiente, Oceania/Austrália, Ásia/Coreia do Sul, Europa/Reino Unido, América do Norte/Estados Unidos da América, América do Sul/Argentina, Opinião

**[Corpo do artigo:]**

A vitória eleitoral de Luiz Inácio Lula da Silva em 30 de outubro do ano passado, que o levou a assumir pela [terceira vez](https://www.reuters.com/world/americas/brazil-leftist-lula-wins-third-presidential-term-redeem-tarnished-legacy-2022-10-31) como presidente do Brasil, veio com a expectativa de uma revisão nas relações entre Brasília e Pequim. O Brasil ainda enfrenta uma dura crise [econômica](https://www.worldbank.org/en/country/brazil/overview), política, social e ambiental. A luta contra a pobreza, a retomada do crescimento econômico com redistribuição de renda, a reindustrialização do país e a reversão dos danos ambientais são tarefas urgentes, que exigirão do novo governo uma destreza a nível nacional e internacional sem precedentes. A parceria econômica entre Brasil e China, que [avançou](https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/ziliao_665539/3602_665543/3604_665547/200011/t20001117_697843.html) muito nas últimas duas décadas, pode ser uma das chaves para reverter a crise que o Brasil enfrenta. Mas alguns desafios terão de ser enfrentados com diplomacia e planejamento estratégico.

Apesar dos “[insultos](https://www.reuters.com/article/us-cargill-brazil/cargill-concerned-about-brazil-government-insults-to-top-trade-partner-china-idUSKBN23O2IB)” dirigidos pelo governo do ex-presidente Jair Bolsonaro contra a China, especialmente durante a pandemia, e do inevitável distanciamento dos dois países nas suas relações diplomáticas, o comércio bilateral entre Brasil e China aumentou. Em 2021, as trocas bilaterais entre os países chegaram ao valor de [135,4 bilhões de dólares](https://www.cebc.org.br/2022/01/07/comercio-bilateral-bate-recordes-e-brasil-atinge-superavit-historico-de-us-40-bilhoes-com-a-china/), com o Brasil tendo um superávit de 40 bilhões de dólares com a China, números que só são superados pela região de Taiwan e outros dois países; [Austrália e Coreia do Sul](https://www.worldstopexports.com/chinas-top-import-partners/). A China tem sido [a maior parceira comercial](https://www.bjreview.com/World/202208/t20220808_800303064.html) do Brasil desde 2009, respondendo por quase [o dobro](https://www.cebc.org.br/2022/01/07/comercio-bilateral-bate-recordes-e-brasil-atinge-superavit-historico-de-us-40-bilhoes-com-a-china/) do volume comercial que o Brasil importou de seu segundo maior parceiro em 2021, os Estados Unidos ([70,5 bilhões de dólares](https://www.amcham.com.br/noticias/comercio-exterior/comercio-brasil-estados-unidos-bate-recorde-de-mais-de-us-70-bilhoes-em-2021-aponta-monitor-da-amcham)), com o qual registrou [déficit de 8,3 bilhões de dólares](https://www.amcham.com.br/noticias/comercio-exterior/comercio-brasil-estados-unidos-bate-recorde-de-mais-de-us-70-bilhoes-em-2021-aponta-monitor-da-amcham).

**Uma relação comercial lucrativa, mas desequilibrada**

A cesta de exportações do Brasil, no entanto, é vulnerável a longo prazo: ela não é muito diversificada, e é baseada em produtos de pouco valor agregado. Os quatro principais produtos que o País [exporta](https://www.bizlatinhub.com/importing-exporting-latin-americas-biggest-economies/) (minério de ferro, soja, petróleo bruto e proteínas animais) foram responsáveis por [87,7% do total de exportações](https://www.cebc.org.br/2022/01/07/comercio-bilateral-bate-recordes-e-brasil-atinge-superavit-historico-de-us-40-bilhoes-com-a-china/) para a China em 2021. Enquanto isso, as importações dos produtos chineses pelo Brasil são altamente diversificadas, com uma predominância de produtos manufaturados e com um alto grau de maturidade tecnológica. O principal item de importação da China ao Brasil, por exemplo (equipamentos de telecomunicação) significou [somente 5,9% das importações totais](https://www.cebc.org.br/2022/01/07/comercio-bilateral-bate-recordes-e-brasil-atinge-superavit-historico-de-us-40-bilhoes-com-a-china/).

O setor brasileiro de commodities, que é um componente importante da economia, representou [68,3% das exportações do Brasil](https://pt.linkedin.com/pulse/investo-trends-participa%C3%A7%C3%A3o-das-commodities-pib-brasileiro-?trk=pulse-article) na primeira metade de 2022 e contribuiu por anos para o aumento das reservas internacionais. Por outro lado, o setor de commodities tem uma alta concentração de riqueza, tem baixa taxação, gera poucos empregos e de baixa qualificação, está sujeito a mudanças cíclicas de preços e, em muitos casos, causa danos ao meio ambiente que devem ser melhor controlados pelo Estado. Nesse sentido, a iniciativa [anunciada pela COFCO International](https://br.cofcointernational.com/hist%C3%B3rias/a-cofco-international-busca-a-rastreabilidade-total-da-soja-de-origem-direta-no-brasil-at%C3%A9-2023/) – a maior compradora chinesa de comida produzida no Brasil – para monitorar e proibir a compra de soja plantada em áreas de desmatamento ilegal no Brasil a partir de 2023 foi importante.

Mas isso também requer que o Estado brasileiro – que nos últimos anos notoriamente [incentivou](https://www.aljazeera.com/news/2022/10/7/under-bolsonaro-amazon-deforestation-hits-new-september-record) o desmatamento e a invasão de reservas indígenas – garanta a efetividade da iniciativa. A China precisa dos recursos naturais do Brasil para seu desenvolvimento, e o Brasil precisa do mercado chinês para seus commodities. Mas, a médio e longo prazo, o Brasil precisará buscar um maior equilíbrio na sua agenda comercial se quiser construir uma economia sólida. Lembremos que em 2000, o principal [produto de exportação](https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/33289/1/Rela%C3%A7%C3%B5esComerciaisPol%C3%ADticas.pdf) brasileiro eram os aviões da Embraer, enquanto em 2021 os principais itens de exportação foram [minério de ferro e soja](https://www.fazcomex.com.br/exportacao/exportacoes-no-brasil/). Esse é só um dos muitos sintomas da desindustrialização crônica.

**Investir é necessário, mas diversificar também**

Os investimentos chineses no Brasil têm um perfil similar às exportações: robustos, mas não muito diversificados. Em 2021, o Brasil recebeu a [maior parte dos investimentos chineses](https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/) em todo o mundo, totalizando 5,9 bilhões de dólares (13,6% do total global). Entre 2005 e 2021, o Brasil foi o [quarto maior receptor](https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/) de investimentos chineses (4,8% do total), atrás somente dos EUA (14,3%), Austrália (7,8%) e o Reino Unido (7,4%). Esses investimentos da China resultaram em um aporte fundamental de recursos para a economia brasileira, mas não vieram sem um conjunto de questões. De 2007 a 2021, [76,4%](https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/) dos investimentos chineses [estiveram concentrados no setor energético](https://www.cebc.org.br/2021/08/05/investimentos-chineses-no-brasil-historico-tendencias-e-desafios-globais-2007-2020/) (eletricidade e extração de petróleo e gás), enquanto [só 5,5% foram para a indústria e 4,5% foram para projetos de infraestrutura](https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/); entre outras, algumas das maiores necessidades da economia brasileira.

O setor de eletricidade foi o maior destino dos investimentos chineses ([45,5% do total](https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/)), mas parte disso correspondeu à compra de companhias estatais brasileiras por estatais chinesas. Em 2017, a companhia chinesa [State Grid adquiriu](https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/chinesa-state-grid-adquire-controle-acionario-da-cpfl-energia.ghtml) o controle acionário da CPFL Energia, uma companhia estatal de São Paulo, e em 2021 a CPFL Energia comprou o controle da [CEEE-Transmissão](https://www.cpfl.com.br/noticia/cpfl-energia-assume-controle-acionario-da-ceee-t-do-rio-grande-do-sul), estatal do Rio Grande do Sul. Para o Brasil, não foram bons negócios, que demonstraram a irresponsabilidade dos governos estaduais neoliberais do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que privatizaram recursos públicos estratégicos. A China – que nunca venderia uma companhia energética estatal para estrangeiros – visou seus próprios interesses e aproveitou uma oportunidade de negócio oferecida pelo mercado. Não foi um pacote de privatizações imposto pelo Fundo Monetário Internacional. Mas Pequim estaria disposta a aceitar outros modelos de investimento que trouxessem mais benefícios para os dois países?

**O exemplo dos *hermanos* do sul**

Desde 2021, Buenos Aires e Pequim entraram em uma série de acordos de investimentos estratégicos. Em fevereiro de 2022, a Argentina [passou a fazer parte da Iniciativa Cinturão e Rota](https://dialogochino.net/pt-br/nao-categorizado/argentina-adere-oficialmente-a-iniciativa-cinturao-e-rota-da-china/), com a expectativa de atrair 23 bilhões de dólares em investimentos chineses para o país. Antes disso, outros investimentos e projetos realizados por companhias chinesas incluíram a [reforma do sistema ferroviário argentino](https://www.cancilleria.gob.ar/es/actualidad/noticias/el-presidente-encabezo-la-firma-de-cuatro-acuerdos-con-china-por-usd-4695) (4,69 bilhões de dólares) e investimentos volumosos no setor elétrico, como: 1) a [expansão do Parque Cauchari](https://fundacionandresbello.org/noticias/argentina-%F0%9F%87%A6%F0%9F%87%B7/china_desarrollo_verde_parque_solar_cauchari/), a maior planta de energia solar da América Latina, que originalmente foi uma parceria sino-argentina; 2) a construção do [complexo hidroelétrico](https://www.cronista.com/economia-politica/camino-a-china-el-gobierno-busca-cerrar-el-financiamiento-para-reactivar-represas/) “[Kirchner-Cepernic](https://www.cronista.com/economia-politica/camino-a-china-el-gobierno-busca-cerrar-el-financiamiento-para-reactivar-represas/)” na Patagônia (ao custo de mais de 4 bilhões de dólares); e 3) a construção da [planta nuclear “Atucha III”](https://www.telam.com.ar/notas/202204/589100-china-financiamiento-atucha.html) (ao custo de 8,3 bilhões de dólares), cujo financiamento tem um período de carência de aproximadamente oito anos e, o mais importante, prevê a transferência da tecnologia nuclear chinesa Hualong – dominada em 2021 – para o estado argentino, que controlará a usina.

O Brasil pode propor parcerias semelhantes às da Argentina, tão ou até mais estratégicas, com benefícios mútuos. Por que não propor a troca de commodities (petróleo e gás) por infraestrutura e tecnologia com a China, como [países como o Irã](https://www.nytimes.com/2021/03/27/world/middleeast/china-iran-deal.html) já propuseram? Ou a formação de mais joint ventures sino-brasileiras – que receberam [apenas 6% dos investimentos chineses](https://www.cebc.org.br/2021/08/05/investimentos-chineses-no-brasil-historico-tendencias-e-desafios-globais-2007-2020/) (2005-2020), enquanto as fusões e aquisições receberam 70% – que incluam a transferência de tecnologia para o Brasil?

O Brasil precisará de um esforço gigantesco para reindustrializar sua economia em vários níveis, como investimento em pesquisa e desenvolvimento, formação de mão de obra qualificada, financiamento e transferência de tecnologia. Nenhum outro país tem, como a China, condições financeiras, industriais e tecnológicas para cooperar com o Brasil em inúmeros setores promissores, como veículos elétricos, tecnologia da informação, 5G, energia renovável, indústria aeroespacial, biomedicina e semicondutores. Cabe ao Brasil propor um diálogo estratégico de alto nível com a China, que reafirmou no [relatório](https://global.chinadaily.com.cn/a/202210/25/WS6357e484a310fd2b29e7e7de.html) do 20º Congresso Nacional do Partido Comunista da China que está empenhada em ajudar a acelerar o desenvolvimento dos países do Sul Global. “A China está preparada para investir mais recursos na cooperação global para o desenvolvimento. Está empenhada em reduzir o fosso Norte-Sul e apoiar e ajudar outros países em desenvolvimento na aceleração do desenvolvimento”, [afirmou](https://global.chinadaily.com.cn/a/202210/25/WS6357e484a310fd2b29e7e7de.html) o presidente chinês Xi Jinping durante o Congresso.